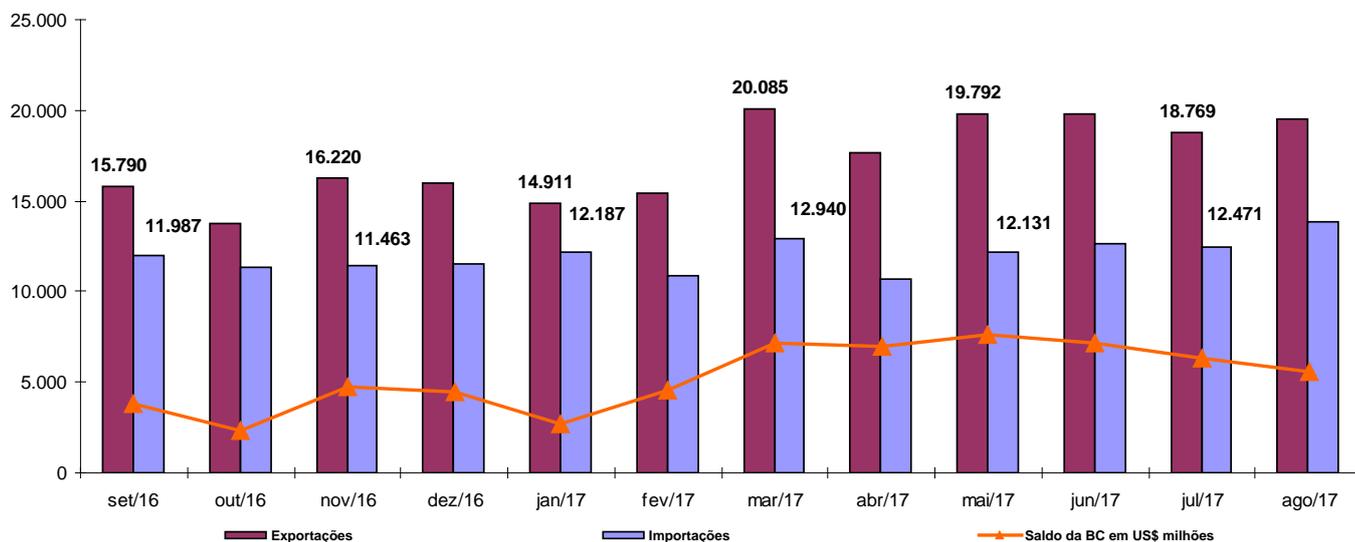


Comércio Internacional.**Balança Comercial Mensal (Agosto/2017) – MDIC****Fato**

Em agosto de 2017, a *Balança Comercial* fechou com *superávit* de US\$ 5,60 bilhões, resultado de *exportações* de US\$ 19,48 bilhões e *importações* de US\$ 13,88 bilhões. A *corrente do comércio* atingiu US\$ 33,35 bilhões, no mês e US\$ 243,78 bilhões, no ano. O *superávit comercial* acumulado no ano é de US\$ 48,11 bilhões.



Fonte: MDIC

Causa

Utilizando o critério da média diária, com relação ao mês anterior, as *exportações* apresentaram recuo de 5,3%, e as *importações* cresceram 1,6%. Pelo mesmo critério, na comparação com agosto de 2016, houve avanço de 14,7% nas *exportações* e de 8,0% nas *importações*.

No acumulado no ano, às *exportações* aumentaram 18,1% sobre igual período de 2016, e as *importações*, avançaram 7,3%. A *corrente do comércio* cresceu 13,5%.

Em agosto de 2017, na comparação com igual mês do ano anterior, as *exportações* de produtos *básicos* avançaram 24,2%, *manufaturados*, 9,7% e *semimanufaturados*, 3,4%. Em termos de países, os cinco principais compradores foram: China, Estados Unidos, Argentina, Países Baixos e Japão. Pelo lado das *importações*, houve elevação de 56,6% em *combustíveis e lubrificantes*, 6,6% em *bens de capital*, 4,8% em *bens intermediários* e 1,0% em *bens de consumo*. Os cinco principais fornecedores para o Brasil foram: China, Estados Unidos, Alemanha, Argentina, e Coréia do Sul.

Na comparação dos valores acumulados no ano, frente a igual período do ano anterior, houve aumento de 25,8%, nas *exportações* de produtos *básicos*, 14,2% nos *semimanufaturados* e 10,4% nos *manufaturados*. Pelo lado das *importações*, ocorreu elevação de 36,4% nas compras de *combustíveis e lubrificantes*, 11,0%, nos *bens intermediários* e 4,5% nos *bens de consumo*. Por outro lado, houve queda de 23,4% na compra de *bens de capital*.

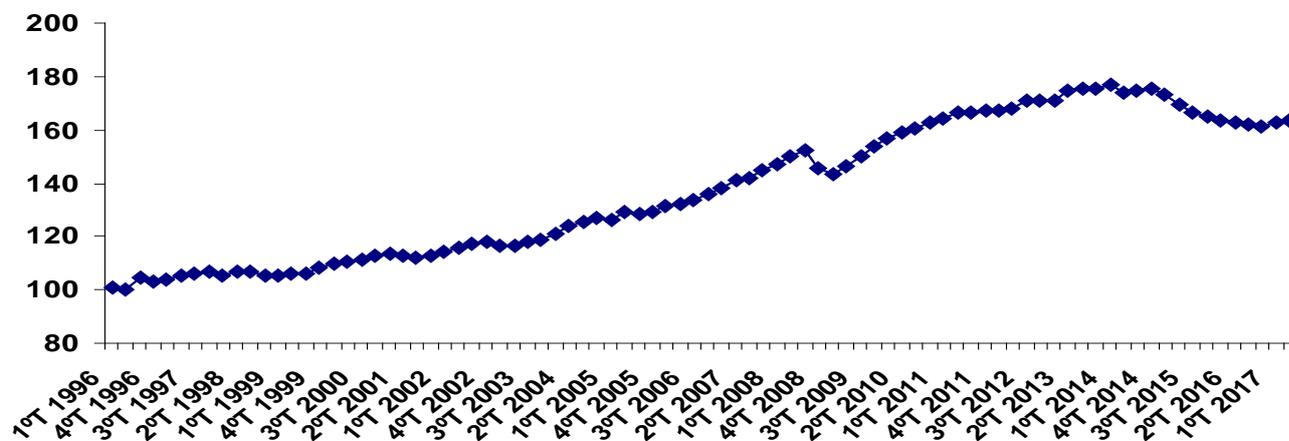
Conseqüências

O crescimento do *saldo comercial* tem sido obtido com crescimento tanto nas *exportações* como nas *importações* e o resultado obtido até agosto aponta *novo recorde comercial*.

Atividade**PIB – Indicadores de Volume e Valores Correntes (2º Trimestre 2017) - IBGE.****Fato**

O *Produto Interno Bruto - PIB a preços de mercado* cresceu 0,2% no segundo trimestre de 2017, frente ao primeiro trimestre, chegando a R\$ 1,64 trilhão. Com relação ao segundo trimestre de 2016, houve avanço de 0,3%, no acumulado dos últimos quatro trimestres, frente aos quatro trimestres imediatamente anteriores a queda foi de 1,4% e no acumulado em 2017, frente ao acumulado no mesmo período de 2016 não ocorreu variação.

PIB pm - Volume Trim. (1995=100)



Fonte: IBGE - Índice Série encadeada do índice de volume trimestral com ajuste sazonal (Base: média 1995 = 100) (Número índice)

Causa

Dentre os componentes da *oferta*, no segundo trimestre, frente ao trimestre imediatamente anterior, a *Agropecuária* registrou variação nula. Os *Serviços* avançaram 0,6% e a *Indústria* variou negativamente 0,5%. Pelo lado da *demanda*, o *Consumo das Famílias*, cresceu 1,4%. Por outro lado, a *Despesa de Consumo do Governo* e a *Formação Bruta de Capital Fixo* caíram 0,9% e 0,7%, respectivamente. No *setor externo* as *Exportações de Bens e Serviços* tiveram crescimento de 0,5% e as *Importações* recuaram 3,5%.

No confronto com o segundo trimestre de 2016, a *Agropecuária* cresceu 14,9%, entre os produtos que registraram desempenho favorável destacaram-se: *milho, soja e arroz*. A *Indústria* recuou 2,1%, influenciada de forma negativa tanto pela *Construção* como pela *Indústria de Transformação*. O setor de *Serviços* registrou queda de 0,3%, no qual tiveram maior evidência em *serviços de informação e intermediação financeira e seguros*.

Pelo lado da *demanda*, também na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a *Despesa de Consumo das Famílias* voltou a crescer, 0,7%, após nove trimestres de queda. A *Formação Bruta de Capital* teve queda 6,5%, a décima terceira taxa negativa consecutiva nesta comparação e a *Despesa de Consumo da Administração Pública*, registrou retração de 2,2%. Pela *demanda externa*, as *Exportações de Bens e Serviços* registraram elevação de 2,5%, e as *Importações* recuo de 3,3%.

A *taxa de investimento*, frente a igual período do ano anterior caiu 1,2 p.p., chegando a 15,5%, enquanto a *taxa de poupança* avanço 0,2 p.p. fechando em 15,8%.

Conseqüências

O resultado do *PIB* do segundo trimestre reflete a fraca recuperação da atividade econômica, devendo o resultado do ano apresentar *expansão* inferior a 0,5%. A informação positiva foi a breve recuperação da *Despesa de Consumo das Famílias*.

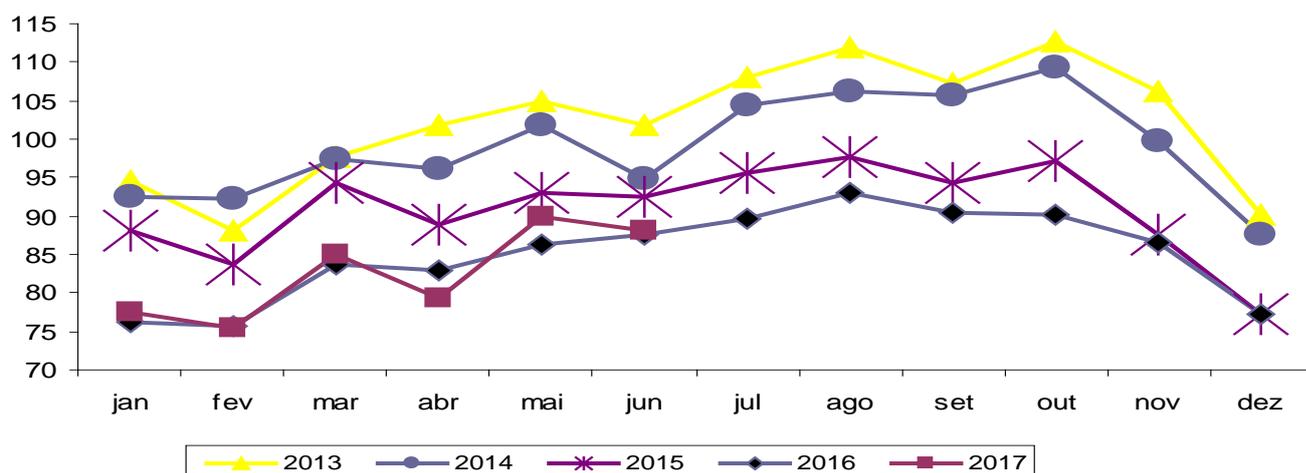
Atividade

Pesquisa Industrial Mensal Produção Física – Brasil (Junho/2017)

Fato

Em junho, a *Produção Industrial* apresentou variação nula (0,0%) frente a maio, após dois meses consecutivos de crescimento nesse tipo de comparação, acumulando crescimento de 2,5% no período. Na comparação com junho de 2016 ocorreu crescimento de 0,5%, segunda taxa positiva consecutiva, mas menos intensa do que a registrada no mês anterior. Considerando o acumulado em doze meses, a variação foi negativa de 1,9%, prosseguindo o ritmo de redução da queda iniciada em junho de 2016 e no acumulado no ano houve crescimento de 0,5%.

Produção Industrial BRASIL



Fonte: IBGE

Causa

Frente ao mês imediatamente anterior, considerando a classificação por *categorias de uso*, o recuo mais intenso foi na produção de *bens de consumo durável*, 6,0%, eliminando parte do avanço de 9,5% acumulado nos meses de abril e maio. A produção de *Bens de consumo semi e não-duráveis* diminuiu 0,5%, após crescer 0,9% em maio, quando interrompeu três meses consecutivos na produção. Por outro lado, *bens de capital*, 0,3% e *bens intermediários*, 0,1% registraram crescimento.

Na comparação com junho de 2016, os *bens de consumo duráveis* apresentaram a expansão mais elevada, 5,0%, seguido do segmento de *bens intermediários* 0,9% e *bens de capita*, 0,3%. Os *bens de consumo semi e não duráveis* tiveram queda de 1,8%.

No acumulado do ano o maior dinamismo foi no setor de *bens de consumo duráveis*, com crescimento de 10,0%, pressionado pelo aumento na fabricação de *automóveis e eletrodomésticos*. Os de *bens de capital* cresceram 2,9% principalmente em decorrência da maior produção de *bens de capital agrícola, para construção, e para uso misto*. Os *bens de consumo semi e não duráveis* recuaram 1,2% e os *bens intermediários* diminuíram a produção em 0,1%.

Consequência

A produção industrial apresentou acomodação após avanço nos dois meses anteriores. O *segmento industrial* segue em patamar baixo, decorrente do *desaquecimento da atividade econômica*.

Atividade

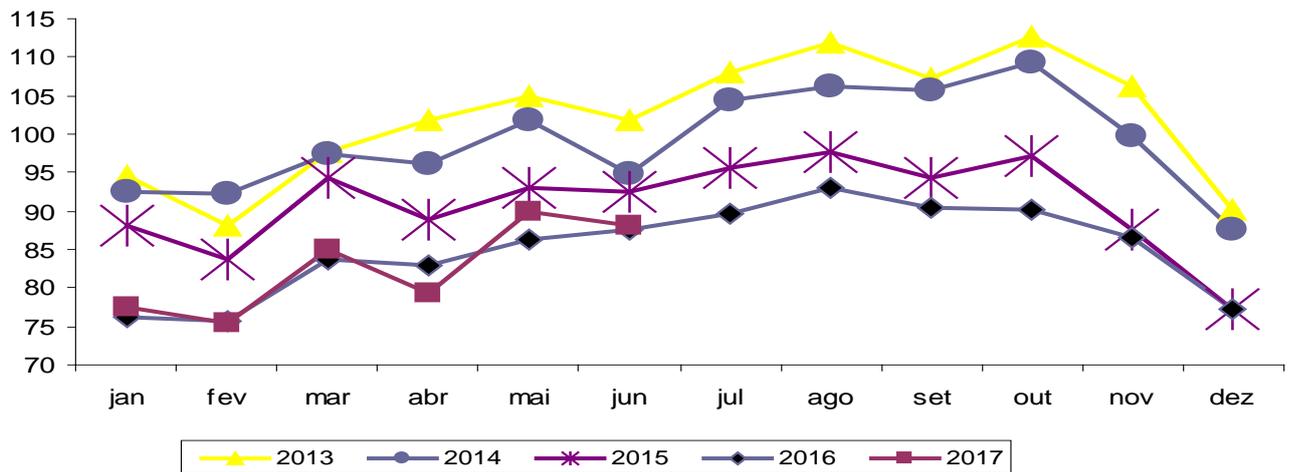
Pesquisa Industrial - Regional – Brasil (Junho/2017) - IBGE

Fato

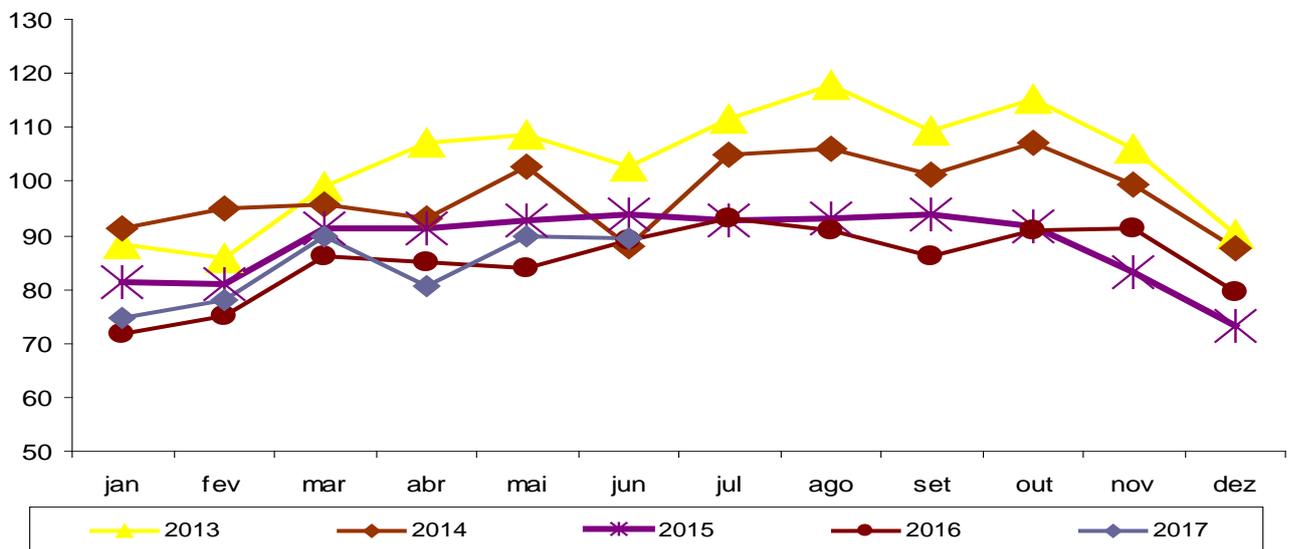
Em junho, frente a maio, a *Produção Industrial* avançou em nove dos quatorze locais pesquisados. Na comparação com junho de 2016 foi registrado avanço em onze dos quinze locais e no acumulado nos primeiros seis meses do ano o crescimento ocorreu em dez locais.

No **Paraná**, houve expansão de 0,5% frente ao mês anterior, após recuar 1,6% em abril e avançar 1,5% em maio. No confronto com igual mês do ano anterior houve crescimento de 0,5% e no acumulado em seis meses houve crescimento de 2,5%, frente a igual período do ano anterior. No acumulado em doze meses ocorreu expansão de 0,8%.

Produção Industrial BRASIL



Produção Industrial PARANÁ



Fonte: IBGE - Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (Base: média de 2002 = 100)

Causa

Na passagem de maio para junho, os maiores avanços foram registrados no Rio de Janeiro, Amazonas, Pernambuco e Minas Gerais. As áreas que tiveram queda na produção foram: Bahia, Região Nordeste, Rio Grande do Sul, Pará e Santa Catarina.

Na comparação com igual mês do ano anterior, os maiores avanços ocorreram no Espírito Santo, Ceará, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Por outro lado os locais que tiveram o maior recuo foram Bahia e Região Nordeste.

No Estado do **Paraná**, comparativamente a junho de 2016, apenas seis das treze atividades pesquisadas apresentaram variações positivas, com destaque para *máquinas e equipamentos, veículos automotores, reboques e carrocerias e bebidas*.

No Estado, nos primeiros seis meses do ano, houve avanço em sete dos treze setores. Os destaques positivos foram: *máquinas e equipamentos, e veículos automotores, reboques e carrocerias*. Por outro lado *produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, outros produtos químicos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e de móveis*, registraram recuo.

Consequência

De maneira semelhante ao que aconteceu em âmbito nacional, a produção paranaense segue com desempenho muito fraco, demonstrando alguma recuperação nos últimos meses.

Atividade

PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Trimestre --mai-jun-jul de 2017) – IBGE

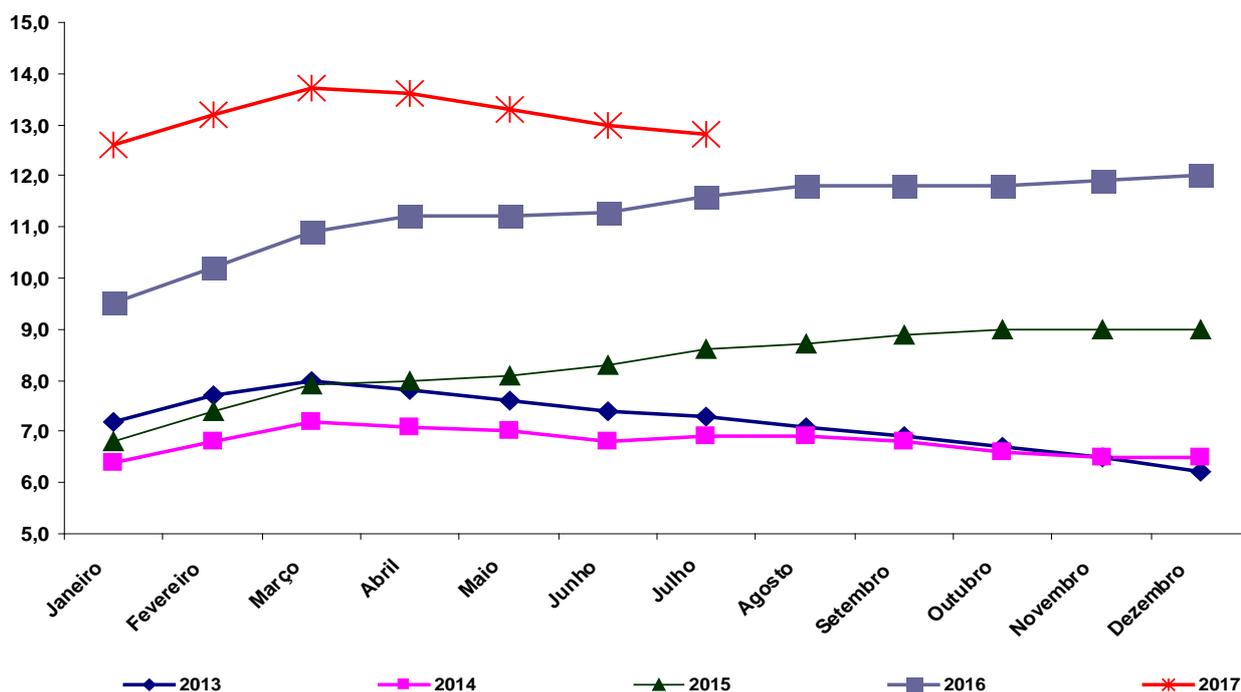
Fato

A **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio** apontou, para o trimestre encerrado em julho, taxa de desocupação de 12,8%, com queda de 0,8 p.p. frente ao trimestre encerrado em abril e expansão de 1,2 p.p. na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior.

O rendimento médio real habitualmente recebido foi de R\$ 2.106 com estabilidade frente ao trimestre encerrado em abril e avanço de 3,0% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior.

Causa

No trimestre havia 13,3 milhões de pessoas desocupadas, caindo 5,1% frente ao trimestre imediatamente anterior e aumentando 12,5% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. O número de pessoas ocupadas foi estimado em 90,7 milhões, crescendo 1,6% frente ao trimestre encerrado em abril e não apresentando variação na comparação com o trimestre encerrado em julho de 2016.



Consequência

Embora apresentando recuo, o *desemprego* segue elevado, reflexo do desaquecimento da atividade econômica. A expectativa para os próximos meses é de continuidade na redução desta taxa, porém sem variações intensas.

Atividade

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (Julho/2017) – IBGE

Fato

Em julho, segundo o *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA*, a safra de 2017 foi estimada em 242,1 milhões de toneladas, 0,7% maior do que o estimado em junho e 31,1% acima da safra realizada no ano passado.

Causa

As culturas: *arroz, milho, e soja*, respondem por 87,9% da *área plantada* e 93,6% do total produzido. Com relação à área plantada houve expansão de 2,3% para a *soja*, 18,4% para o *milho* e 4,0% para o *arroz*. Na *produção* foram registrados avanços de 19,7% para a *soja*, 16,3% para o *arroz* e de 56,1% para o *milho*.

Na comparação com a produção de 2016, vinte e um dos vinte e seis produtos selecionados tiveram variação positiva em relação à safra do ano anterior: *algodão herbáceo em caroço, amendoim em casca 1ª safra, arroz em casca, aveia em grão,*

batata-inglesa 1ª, 2ª e 3ª safras, cacau em amêndoa, café em grão – canephora, cana-de-açúcar, cebola, cevada em grão, feijão em grão 1ª, 2ª e 3ª safras, laranja, milho em grão 1ª e 2ª safras, soja em grão, sorgo em grão e triticale em grão. Por outro lado, amendoim em casca 2ª safra, café em grão – arábica mamona em baga, mandioca, e trigo em grão deverão apresentar recuo.

Regionalmente, a expectativa da produção total ficou dividida da seguinte forma: Centro-Oeste, 43,7%, Sul, 35,5%, Sudeste, 9,5%, Nordeste, 7,5% e Norte, 3,6%. Nessa avaliação o Mato Grosso liderou como maior produtor nacional de grãos, com participação de 25,7%, seguido pelo Paraná, 17,5% e Rio Grande do Sul, 15,1%, somados estes três Estados, representam 58,3% do total nacional previsto.

Consequência

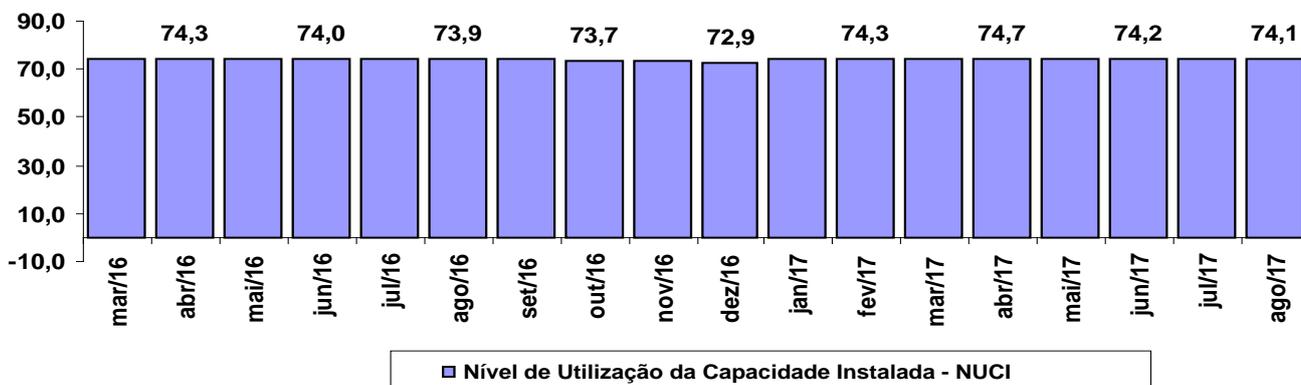
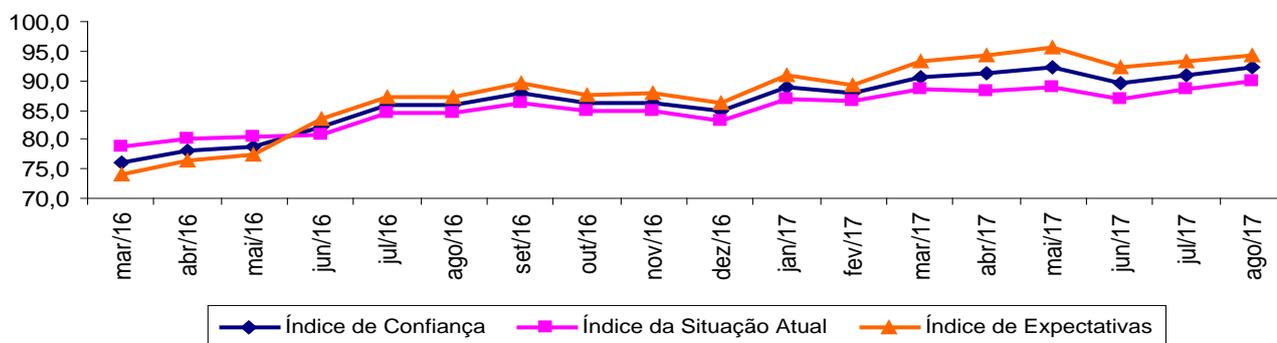
A safra de 2017 demonstra produção superior a de 2016, estando esta expectativa condicionada ao regime de chuvas e ao clima nas principais regiões produtoras do país.

Atividade

Sondagem da Indústria (Agosto/2017) – FGV

Fato

Na passagem de julho para agosto, o Índice de Confiança da Indústria, avançou 1,4 p.p., passando de 90,8 para 92,2 pontos, praticamente retornando ao nível de maio. Com relação ao mês anterior o Índice da Situação Atual cresceu 1,6 pontos. O Índice de Expectativas registrou elevação de 1,0 ponto, atingindo 94,4 pontos. A utilização da capacidade instalada registrou queda de 0,6 p.p. ao passar de 74,7% para 74,1%.



Fonte: FGV

Causa

No crescimento do índice referente à situação atual – ISA destacou-se a percepção relativa ao nível de estoques, com queda de 1,3 pontos no percentual que a avaliam como excessivo e aumento de 0,3 pontos na parcela que o julgam insuficiente. No que tange ao Índice das Expectativas - IE, a elevação foi influenciada principalmente pela piora no indicador de expectativas com relação à produção nos três meses seguintes, com crescimento mais expressivo nas que prevêm produção maior, 5,1 pontos, do que nas que acreditam em produção menor, 2,5 pontos.

Consequências

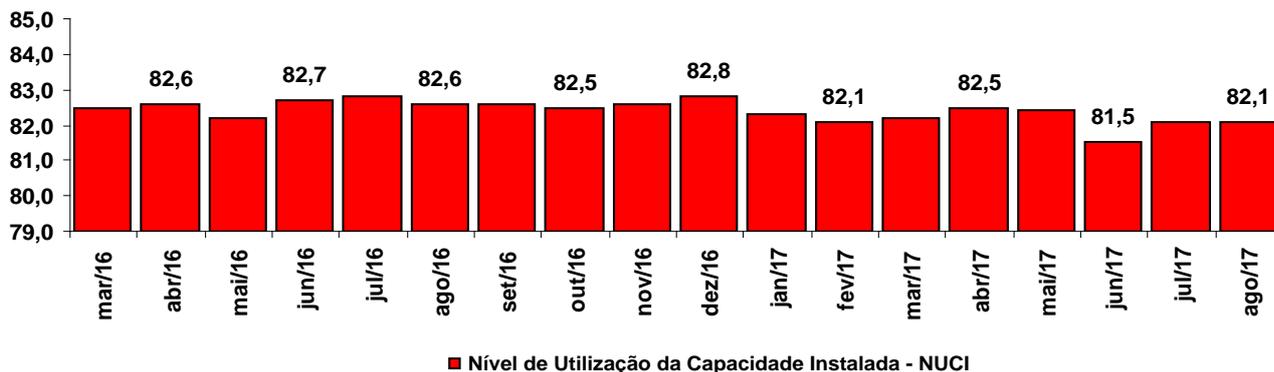
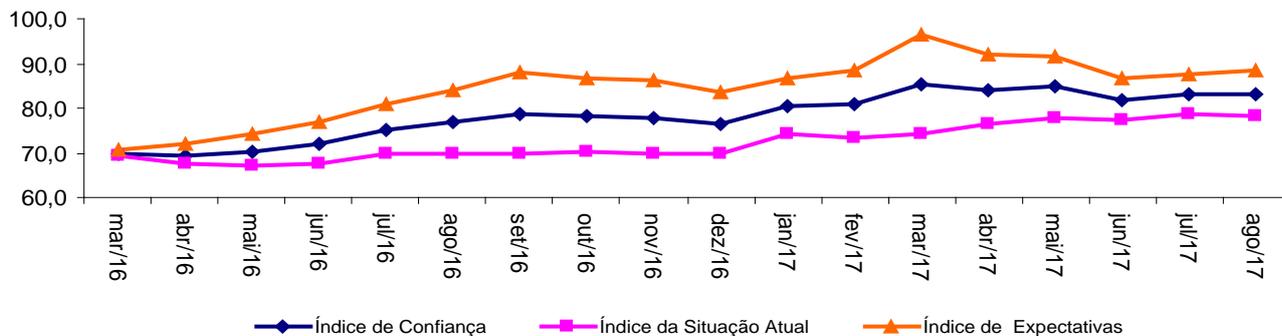
O ICI sinaliza alguma recuperação no índice após a queda em junho, decorrente do aprofundamento da crise política iniciada em maio.

Atividade

Sondagem de Serviços (Agosto/2017) – FGV

Fato

O Índice de Confiança de Serviços - ICS avançou 0,3 pontos entre julho e agosto, passando de 83,9 para 83,2 pontos, recuperando parte da perda de 2,8 pontos observada em junho. O Índice da Situação Atual - ISA caiu 0,3 atingindo 78,3 pontos. O Índice de Expectativas - IE avançou 0,9 pontos atingindo 88,3 pontos.



Fonte: FGV

Causa

No ISA, o indicador que avalia o volume de demanda atual exerceu a maior influência negativa, recuando 0,3 pontos para 78,5 pontos. No IE a contribuição mais relevante para o aumento veio da demanda prevista, que avançou 1,0 ponto para 86,8 pontos.

Consequência

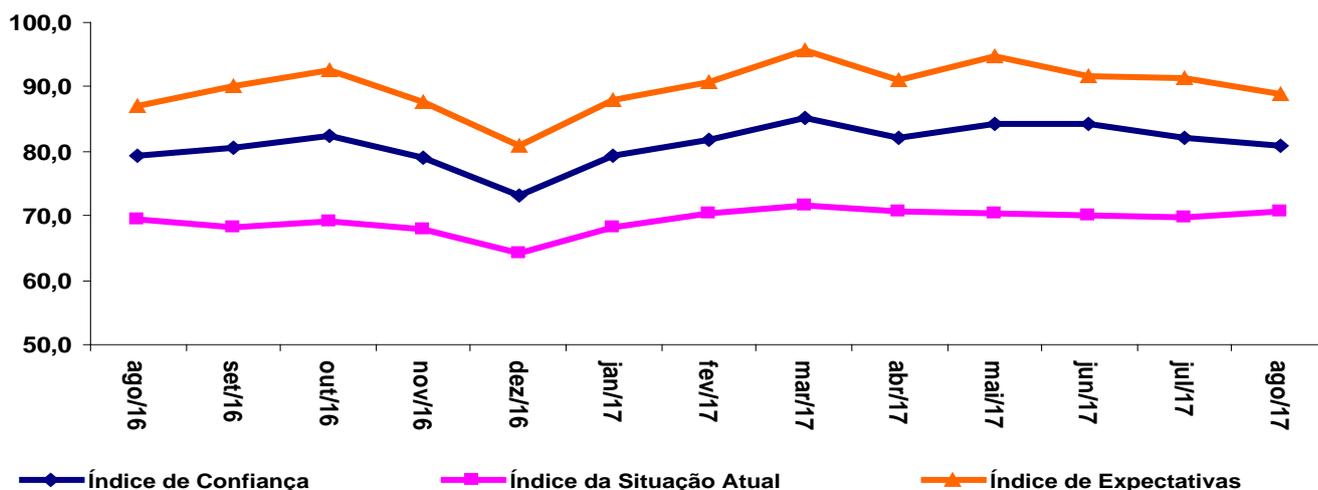
Os índices de expectativas continuam apontando recuperação. Para os próximos períodos, a expectativa é de continuidade no avanço.

Atividade

ICC – Índice de Confiança do Consumidor (Agosto/2017) – FGV

Fato

Entre os meses de julho e agosto, o **ICC** apresentou recuo de 1,1 pontos, passando de 82,0 para 80,9 pontos, a terceira queda consecutiva. O índice da *Situação Atual* aumentou 1,0 ponto, ao passar de 69,7 para 70,7 pontos, o *Índice das Expectativas* recuou 2,5 pontos, variando de 91,4 para 88,9 pontos, o menor desde janeiro último.



Fonte: FGV

Causa

Com referência a *situação presente*, no indicador que mede a *satisfação com a situação financeira atual das famílias* subiu 2,4 pontos, ao passar de 63,0 para 65,4 pontos. Por outro lado, no horizonte de seis meses, o indicador da *situação financeira futura* registrou queda de 4,6 pontos, para 86,9 pontos.

Conseqüência

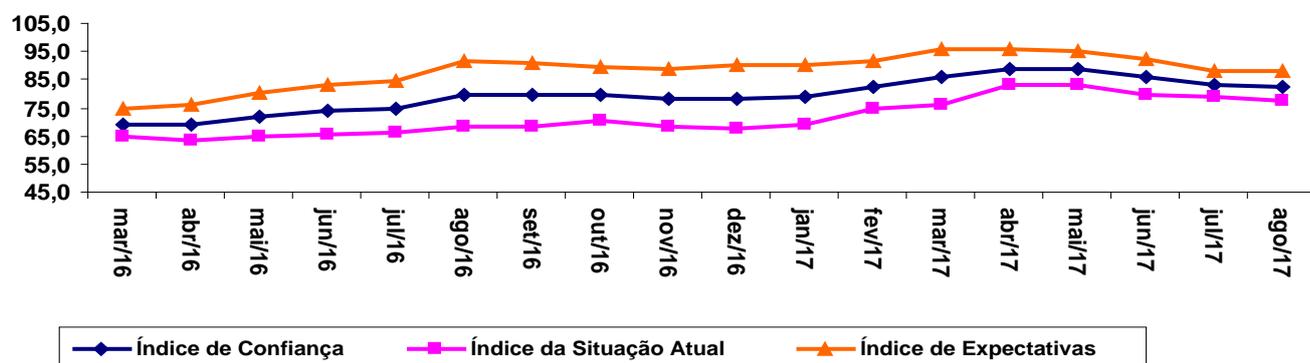
No mês de agosto o índice que mede a *satisfação com o momento presente*, apresentou crescimento maior que o das *expectativas*, resultado de uma melhor percepção com relação ao *mercado de trabalho* e quanto à *situação financeira das famílias*.

Atividade

ICom - Sondagem do Comércio (Agosto/2017) – FGV

Fato

O *Índice de Confiança do Comércio - ICom* caiu 1,0 ponto na comparação entre julho e agosto, passando de 83,4 para 82,4 pontos. Nesta comparação, o *Índice a Situação Atual - ISA* teve queda de 1,8 pontos atingindo 77,4 pontos. O *Índice de Expectativas - IE* recuou 0,3 pontos, atingindo 88,1 pontos.



Fonte: FGV

Causa

Apesar da queda no mês, alguns quesitos importantes apresentaram melhora, no que tange aos *fatores limitativos* para melhora nos negócios, houve melhora no fator *não há impedimento* que subiu 2,9 p.p. chegando a 18,6%. Também ocorreu melhora no indicador da *demanda insuficiente*, que com 33,5% das respostas, atingiu o menor valor desde fevereiro de 2015.

Consequência

Após o efeito da *liberação dos recursos do FGTS* e com a *crise política deflagrada* em meados de maio, o *setor do comércio* segue em ritmo lento, buscando sinalizadores de melhora.

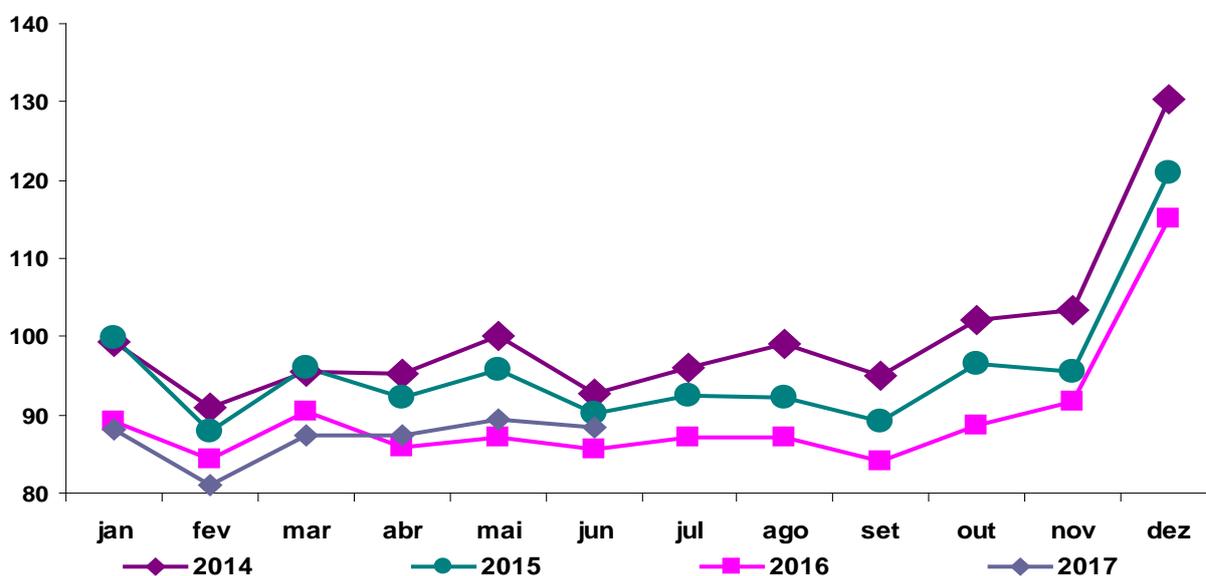
Atividade

Pesquisa Mensal do Comércio (Junho/2017) – IBGE

Fato

No mês de junho, o *volume de vendas do comércio varejista*, com *ajuste sazonal*, cresceu 1,2% em relação a maio. Nesta análise a *receita nominal* avançou 0,8%. Nas demais comparações, sem ajustamento, houve avanço no *volume de vendas* de 3,0% sobre junho de 2016, recuo de 0,1% no acumulado do ano e de 3,0% no acumulado dos últimos doze meses. A *receita nominal* obteve taxas positivas de 2,4% com relação à igual mês de 2016, 1,9% no acumulado no ano e 3,2% no acumulado em doze meses.

No *comércio varejista ampliado*, as variações para o *volume de vendas* foram: 2,5% no mês, 4,4% frente ao mesmo mês do ano anterior, 0,3% no acumulado em 2017 e negativos 4,1% no acumulado em doze meses. Para a *receita nominal*, houve avanço de 2,2% frente a maio, 3,5% frente a junho de 2017, 0,4% no acumulado em doze meses e 1,6% no acumulado do ano.



Fonte: IBGE

Índice de volume de vendas no comércio varejista (Número índice) Índice base fixa (2003=100)

Causa

No confronto com junho de 2016, todas as oito atividades tiveram variação positiva, por ordem de maior contribuição na formação da taxa global, os resultados foram os seguintes: *Móveis e eletrodomésticos*, 12,7%, *Tecidos, vestuário e calçados*, 4,6%, *Outros artigos de uso pessoal e doméstico*, 4,3%, *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, 0,8%, *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*, 3,0%, *Combustíveis e lubrificantes* e 0,5%, *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação*, 5,1%, e *Livros, jornais, revistas e papelaria*, 1,2%. Considerando o comércio varejista ampliado, *Veículos, motos, partes e peças* cresceram 3,5% e *Material de Construção* 7,0%.

Consequência

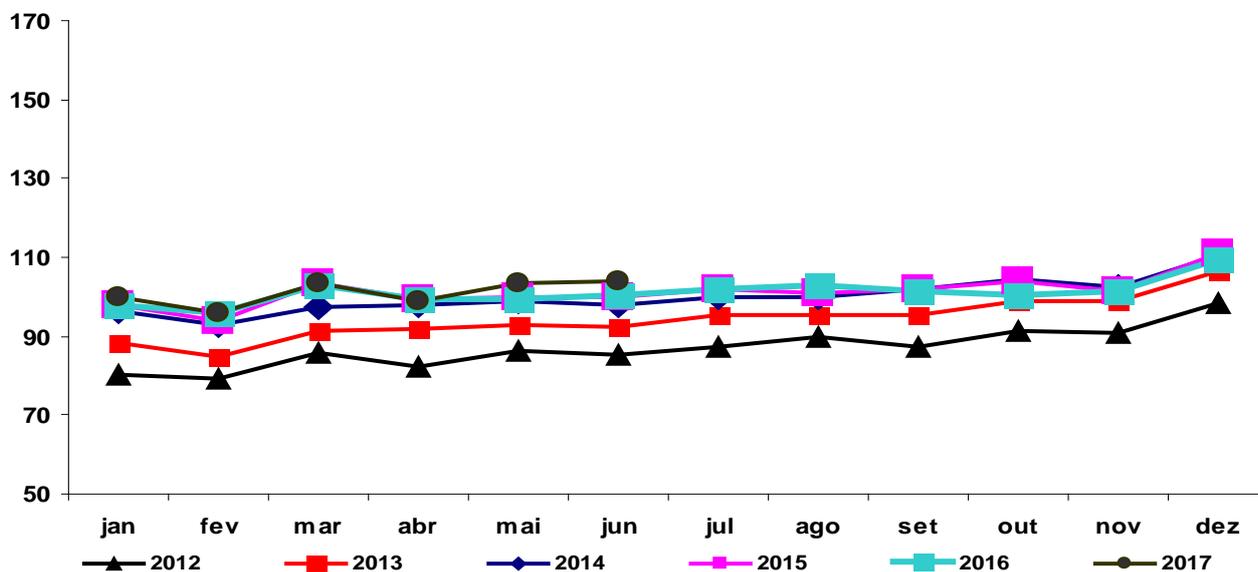
Apesar da recuperação o desempenho do *comércio varejista* ainda está em patamar baixo, sendo condicionado pelo *desaquecimento da atividade econômica*. O recuo também sofre os efeitos do menor ritmo do *crescimento do crédito* e do *comprometimento da renda das famílias*. Para o restante do ano, é esperada continuidade na recuperação, porém sem grande intensidade.

Atividade

Pesquisa Mensal de Serviços (Junho/2017) – IBGE

Fato

No mês de junho frente a maio, o *volume de vendas do setor de serviços* cresceu 1,3% e a *receita nominal dos serviços* 1,0%. Frente a igual mês do ano anterior a queda no *volume de vendas* foi de 3,0%. Nesta comparação a *receita nominal* cresceu 3,2%. No acumulado do ano o *volume de serviços* caiu 4,1%, e no acumulado em doze meses, o recuo foi de 4,7%. A *receita nominal* cresceu 1,6% no ano e 0,6% em doze meses.



Fonte: IBGE

Índices de volume e de receita nominal de vendas no comércio varejista por tipos de índice (2003 = 100)

Causa

No confronto com maio de 2017, foram observados crescimentos em *Serviços Prestados às Famílias* e *Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio* ambos com 1,0%, *Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares*, 0,8% e *Outros Serviços* 0,7%. O único recuo foi em *Serviços de Informação e Comunicação*, 0,2%. O agregado especial das *Atividades Turísticas* apresentou crescimento de 5,3%.

Consequência

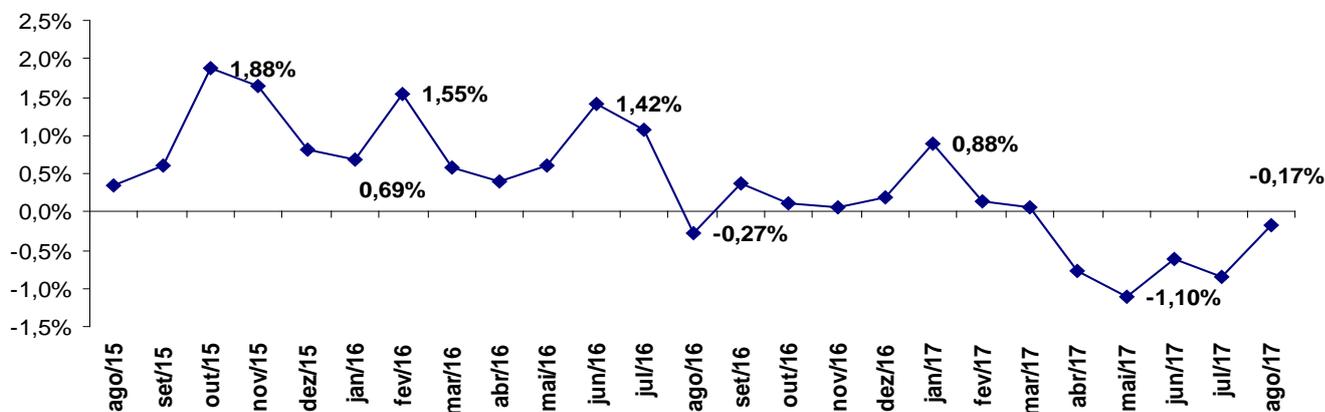
Apesar da recuperação que vem ocorrendo nos últimos três meses, o desempenho do *setor de serviços* segue fraco, sido condicionado pelo crescimento do *desemprego* e da *baixa atividade econômica*. Para os próximos períodos a expectativa é de continuidade na recuperação.

Inflação

IGP-10 (Agosto/2017) – FGV

Fato

O IGP-10 registrou variação de negativos 0,17% em agosto, em julho a variação foi de negativos 0,84%. No acumulado em doze meses o índice ficou em negativos 1,69%, e no ano negativos de 2,41%.



Fonte: FGV

Causa

No mês de agosto, dentre os componentes do **IGP**, o **IPA** apresentou variação de negativos 0,42%, em julho a variação havia sido de negativos 1,32%. Neste, houve recuo apenas nos *Bens Finais* 0,10 p.p., com variação negativa de 1,22%, com destaque para o subgrupo *alimentos processados*. As *Matérias-Primas Brutas* tiveram aceleração de 2,98 p.p. com variação de 0,72%, com destaque para *minério de ferro, laranja e mandioca*. Os *Bens Intermediários* registraram caíram 0,23 p.p. a menos do que no mês anterior, apresentando variação negativa de 0,51%, sendo o principal responsável pela menor queda os *combustíveis e lubrificantes para a produção*.

O **IPC** teve avanço de 0,51 p.p., com variação de 0,34%, com o grupo *Transportes* sendo o principal responsável pelo acréscimo, com destaque para *gasolina*. Também apresentaram acréscimo em sua taxa de variação os grupos *Habitação, Comunicação, Alimentação e Saúde e Cuidados Pessoais*. O **INCC** teve recuo, 0,35 p.p., o grupo *Materiais, Equipamentos e Serviços* apresentou a mesma variação do mês anterior e em *Mão de Obra* ocorreu recuo de 0,64 p.p.

Consequência

O **IGP-M** voltou a apresentar *deflação* pelo quinto mês consecutivo, fenômeno que se repete também nos valores acumulados, para os próximos períodos é de algum aquecimento, sem, contudo, ocorrer sobressaltos.

Inflação

IGP-M (Agosto/2017) – FGV

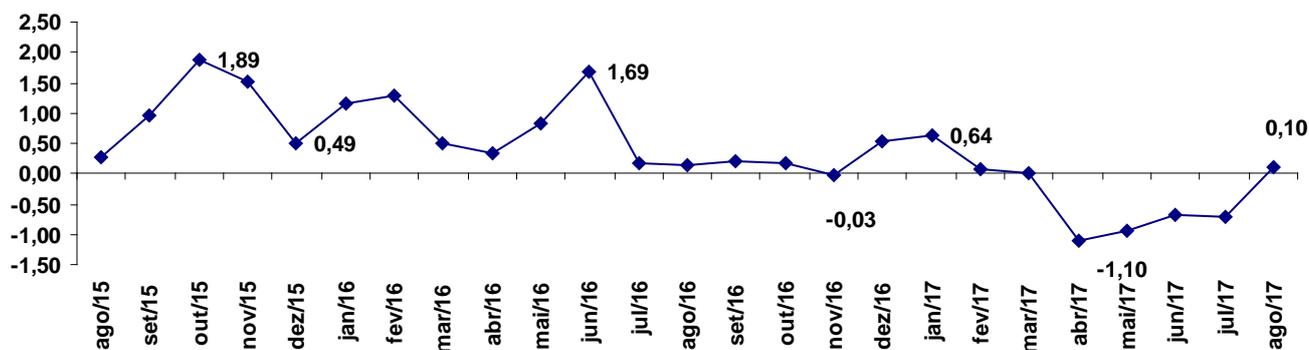
Fato

O **IGP-M** de agosto registrou variação de 0,10%, em julho a variação havia sido de negativos 0,72%. Em doze meses o acumulado é de negativos 1,71%, e no ano negativos de 2,56%.

Causa

Dos índices que compõe o **IGP-M**, o **IPA** apresentou variação de negativos 0,05%, com queda 1,11 p.p., menor do que no mês anterior. Dentre os componentes os *Bens Finais* tiveram variação de negativos 0,85%, em julho à variação havia sido de negativos 1,37%, tendo contribuído para a menor queda o subgrupo *combustíveis*. Os *Bens Intermediários* tiveram variação negativa de 0,08%, em julho à variação havia sido negativa de 0,76%, tendo contribuído para este movimento os *combustíveis e lubrificantes para a produção* e as *Matérias-Primas Brutas*, que em julho haviam tido variação nos preços de negativos 1,37%, em agosto apresentaram variação positiva de 1,04%, decorrente do aumento nos itens *minério de ferro, milho e laranja*.

O **IPC** teve aceleração de, 0,29 p.p., atingindo 0,33%. A principal influência para o aquecimento do índice partiu do grupo *Transportes*, consequência do item *gasolina*. Também contribuíram para este avanço, *Habitação, Saúde e Cuidados Pessoais, e Despesas Diversas*. Na composição do **INCC**, que acelerou 0,18 p.p., com avanço nos dois grupos componentes.



Fonte: FGV

Consequência

Mesmo com o pequeno avanço no mês, nos valores acumulados o **IGP-M** segue em patamares negativos, o que pode influenciar os preços no varejo, principalmente por meio dos contratos indexados a este índice.

Inflação

IGP-DI (Julho/2017) – FGV

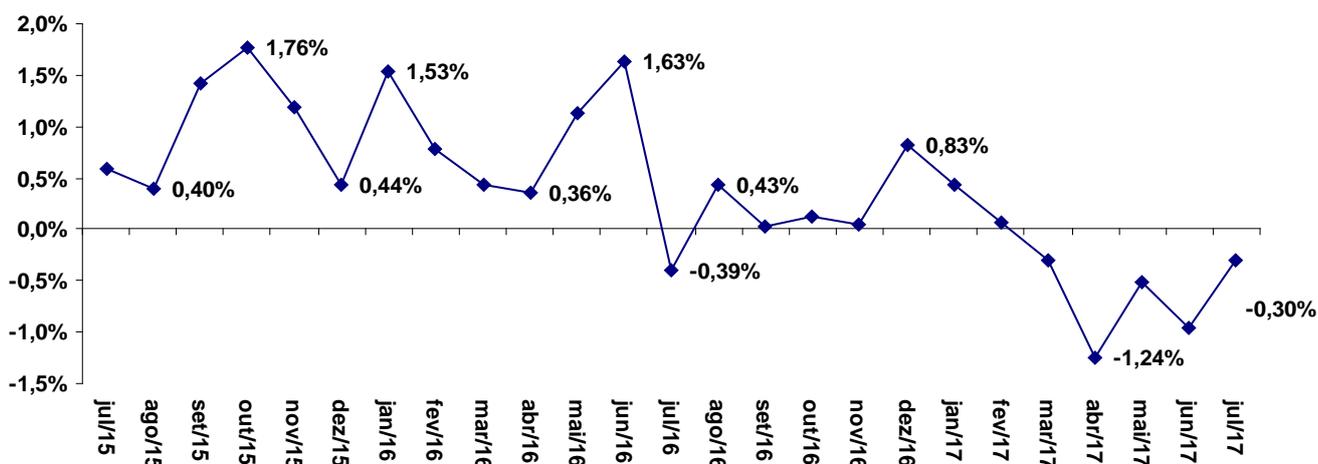
Fato

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (**IGP-DI**) registrou variação negativa de 0,30% em julho, no mês anterior a variação foi de negativos 0,96%. Nos últimos doze meses, o índice acumula queda de 1,42%, e no ano 2,87%.

Causa

No mês, o **IPA**, que possui a maior influência na composição do **IGP** (60%), apresentou variação negativa de 0,67%. Nesse índice as maiores contribuições para a queda partiram dos *Bens Finais*, que apresentaram variação negativa de 1,36%, com destaque para *alimentos in natura*. Os *Bens Intermediários* apresentaram variação negativa de 0,80% decorrente principalmente do *subgrupo materiais e componente para a manufatura*. Por outro lado, as *Matérias-Primas Brutas* registraram aquecimento de 4,02 p.p., com destaque no sentido ascendente para *minério de ferro, soja e mandioca*.

O **IPC** aumentou a taxa de variação em 0,70 p.p. frente ao mês anterior, sendo o principal avanço observado em *Habitação* com destaque para *tarifa de eletricidade residencial*, que ampliou a variação em 12,51 p.p., atingindo 5,95%. Também tiveram maior variação em julho *Transportes, Alimentação e Comunicação*. No **INCC**, houve desaceleração de 0,63 p.p., com avanços em *Materiais, Equipamentos e Serviços* e recuo em *Mão de Obra*.



Fonte: FGV

Consequência

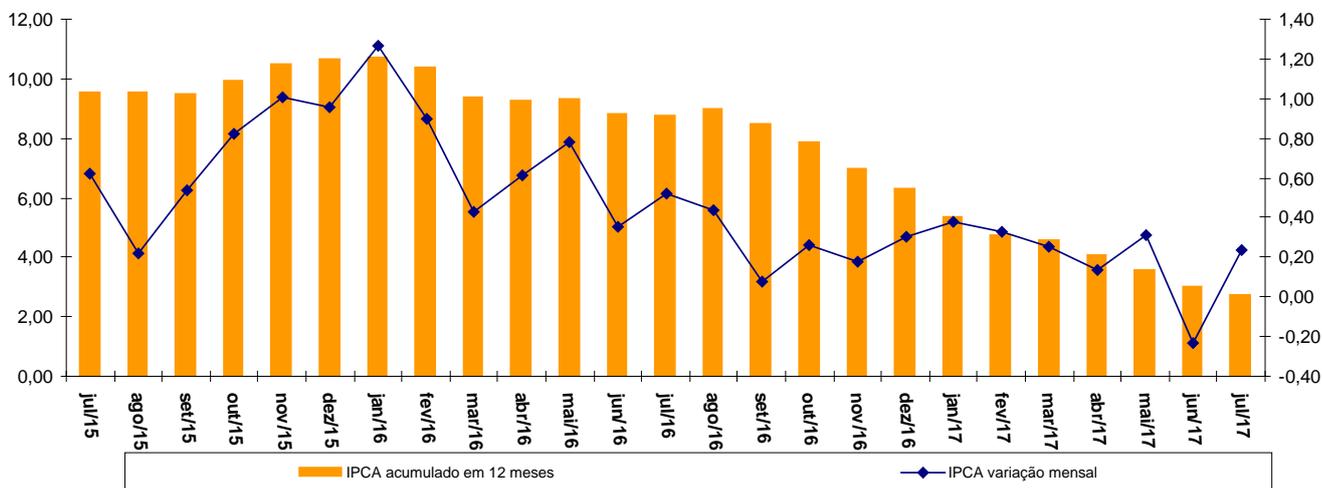
O IGP-DI apresentou variação negativa em julho, sendo que é o quinto resultado negativo consecutivo. Para os próximos meses a expectativa é de continuidade no processo de acomodação *inflacionária*, porém com menor *intensidade*.

Inflação

IPCA (Julho/2017) – IBGE

Fato

O **IPCA** variou 0,24% em julho, aumentando 0,47 p.p. com relação ao mês anterior. O índice acumulado em doze meses é de 2,71%, menor valor acumulado desde fevereiro de 1999. No ano, o acumulado ficou em 1,43%, bastante inferior ao acumulado no mesmo período do ano passado, 4,96%. Em **Curitiba** o índice aumentou 0,63 p.p., registrando variação de 0,49% em julho, 1,77% no ano e 2,44% em doze meses.



Fonte: IBGE

Causa

Os grupos que mais contribuíram para a *inflação* no mês foram os *Habitação* e *Transportes* que aumentaram 1,64% e 0,34%, respectivamente. O maior impacto individual veio de *energia elétrica*, com variação de 6,00%, devido à entrada em vigor da *bandeira tarifária amarela*, a partir de 01 de julho. No grupo *Transportes*, o destaque são os *combustíveis*, o litro do *etanol* ficou, em média, 0,73% mais caro e a *gasolina* variou 1,06%.

Consequência

Apesar do aumento no mês, nos valores acumulados (ano e doze meses), o **IPCA** segue apresentando arrefecimento, indicando que a *inflação* caminha para patamares mais baixos.

Inflação

IPCA - 15 (Agosto/2017) – IBGE

Fato

O **IPCA - 15** registrou variação de 0,35% em agosto, acelerando 0,53 p.p. com relação a julho. No ano e nos últimos doze meses os acumulados são de 1,79% e 2,68%, respectivamente. Em **Curitiba** a variação foi 0,57%, 0,58 p.p. acima do registrado no mês anterior. No acumulando no ano a variação foi de 2,10% e em doze meses 2,68%.

Causa

Os grupos *Transportes*, 1,35%, e *Habitação*, 1,01%, apresentaram os maiores impactos no índice do mês, 0,24 p.p e 0,15 p.p., respectivamente. No primeiro os *combustíveis* apresentaram a maior contribuição individual, 0,28 p.p. devido ao aumento na *gasolina* e no *etanol*. No grupo *Habitação* o destaque ficou por conta da *energia elétrica*, em razão da entrada em vigor da *bandeira tarifária vermelha*, a partir de 1º de agosto. Pelo lado das quedas o grupo *Alimentação e Bebidas* apresentou variação negativa de 0,65%, exercendo o maior impacto negativo, 0,16 p.p.

Consequência

O índice apresentou o segundo maior resultado do ano, porém os valores acumulados seguem bem inferiores ao dos anos anteriores, devendo retomar a trajetória nos próximos meses, porém sem grande intensidade.

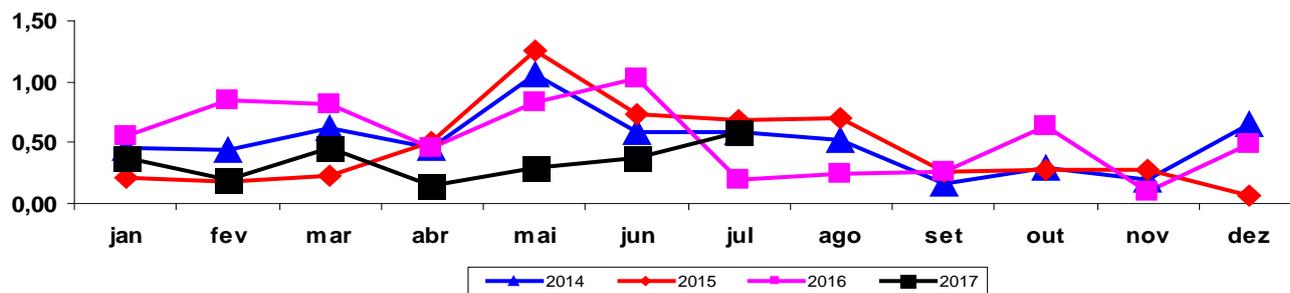
Inflação

Custos e Índices da Construção Civil (Julho/2017) – IBGE - Caixa Econômica Federal

Fato

O *Índice Nacional da Construção Civil* variou 0,58% em julho, 0,20 p.p. acima da variação de junho. Em doze meses, o acumulado é de 4,25%, superior ao registrado nos doze meses imediatamente anteriores 3,86%. O *custo nacional por metro quadrado* passou de R\$ 1.046,68 em junho, para R\$ 1.052,75 em julho, sendo R\$ 537,78 relativos aos *materiais* e R\$ 514,97 à *mão-de-obra*.

No **Estado do Paraná**, as variações foram de 1,70% no mês, 1,90% no ano e 6,49% em doze meses, e o *Custo Médio* atingiu R\$ 1.076,96.



Fonte: IBGE e CAIXA

Causa

Na composição do índice, a parcela dos *materiais* apresentou avanço de 0,28%, 0,39 p.p. acima do índice de junho. A componente *mão-de-obra* registrou variação de 0,90%, acelerando-se 0,12 p.p. em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, os acumulados foram: 1,86% para *materiais* e 6,91% para *mão-de-obra*, e no ano: 1,25% e 3,82% para *materiais* e *mão-de-obra*, respectivamente. No mês as variações regionais foram: negativos 0,18% na Região Norte, 0,12% na Região Nordeste, 0,92% no Sudeste, 0,23% no Centro-Oeste, e 1,33% no Sul. Ainda na verificação regional, os custos foram os seguintes: R\$ 1.053,04 na Região Norte, R\$ 973,50 na Região Nordeste, R\$ 1.103,17 no Sudeste, R\$ 1.053,77 no Centro-Oeste e R\$ 1.097,55 no Sul.

Consequência

O *custo da construção civil* avançou frente ao mês anterior, principalmente em decorrência do reajuste salarial nos estados do Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Inflação

IPP - Índices de Preço ao Produtor (Julho/2017) – IBGE

Fato

O **IPP** apresentou variação negativa de 0,99% em julho, ficando, portanto 0,79 p.p. inferior à variação do mês anterior, negativos 0,20%, e 0,42 p.p. menor do que a do mesmo mês do ano anterior. No acumulado em doze meses a variação foi de 1,11%, e no ano negativos de 1,27%.

Causa

No mês, dezoito das vinte e quatro atividades apresentaram variações negativas, as quedas mais expressivas foram em *perfumaria, sabões e produtos de limpeza, alimentos, fumo e indústrias extrativas*, e as maiores influências vieram de *alimentos, refino de petróleo e produtos de álcool, outros produtos químicos e metalurgia*.

Consequência

As variações do *índice de preços ao produtor* seguem em patamares inferiores às do ano anterior, acumulando variação negativa no índice acumulado em doze meses, indicando que a queda nos *preços do atacado* poderá influenciar negativamente os *preços do varejo*.

Operações de Crédito

Nota à Imprensa (Julho/2017) - BACEN

Fato

O total do estoque das *operações de crédito do sistema financeiro* atingiu R\$ 3.062 bilhões em julho, com retração de 0,6% no mês e de 1,7% em doze meses, atingindo 47,8% na *relação com o PIB*, 2,9 p.p. abaixo de julho de 2016.

Causa

Os *empréstimos contratados com recursos livres* atingiram R\$ 1.521 bilhões, apresentando redução de 0,7% no mês e de 2,1% em doze meses. Os *empréstimos realizados às pessoas físicas* cresceram 0,5%, com destaque para o aumento em *crédito consignado* e o *cartão à vista*. Nos *empréstimos realizados às pessoas jurídicas*, houve queda de 2,1%, principalmente em decorrência da redução na captação de *desconto de duplicata* e *recebíveis e capital de giro*.

No *crédito direcionado*, houve redução de 0,4% no mês, e de 1,3% em doze meses, totalizando R\$ 1.541 bilhões. As operações contratadas com *pessoas físicas* diminuíram 0,1% no mês, com queda de 2,8% no *crédito rural*, contrapondo crescimento de 0,7% no *crédito imobiliário*. O crédito para empresas ocorreu queda de 0,6%, refletindo contração das *operações com recursos do BNDES*.

As *taxas médias de juros* cresceram 0,2 p.p. no mês e diminuíram 4,0 p.p. em doze meses, atingindo 29% a.a. O *custo médio dos empréstimos para pessoas físicas* manteve-se estável no mês e recuou 5,6 p.p. em doze meses atingindo 36,5% a.a. Para as *empresas*, os *encargos médios* cresceram 0,3 p.p. no mês e recuaram 3,1 p.p. na comparação com o mesmo mês do ano anterior, situando-se em 19% a.a. Considerando apenas o crédito livre as taxa são 63,8% para pessoas físicas e 25,3% a.a. para empresas.

A taxa de *inadimplência da carteira de crédito referencial* manteve-se estável no mês e cresceu 0,2 p.p. em doze meses, situando-se em 3,8%. Na composição da *inadimplência*, 3,9% foi para *pessoas físicas* e 3,6% para *pessoas jurídicas*. Considerando o *crédito livre* a *inadimplência* permaneceu estável em 5,6%, enquanto no segmento *direcionado* houve crescimento de 0,1 p.p. chegando a 2,0%. O *spread bancário* situou-se em 21,5 p.p., registrando aumento de 0,5 p.p. no mês e queda de 1,6 p.p. em doze meses.

Consequência

A relação crédito *PIB* segue trajetória de recuo decorrente do elevado grau de *endividamento das famílias* e do desaquecimento da *atividade econômica*. Para os próximos meses ainda não é esperada recuperação.

Setor Externo

Nota à Imprensa (Julho/2017) - BACEN

Fato

Em julho, as *Transações Correntes* registraram *déficit* de US\$ 3,4 bilhões. As *reservas internacionais* totalizaram US\$ 381 bilhões e a *dívida externa* somou US\$ 306,1 bilhões, com redução de US\$ 8,2 bilhões com relação à posição apurada no mês de *março*.

Causa

No que tange ao *Saldo da Conta de Transações Correntes*, o acumulado nos últimos doze meses apresenta *déficit* de US\$ 13,8 bilhões, equivalente a 0,71% do PIB. Na *conta capital e financeira* as captações líquidas superaram as concessões líquidas em US\$ 3,0 bilhões, destacando-se no mês, os *investimentos diretos no país*, US\$ 4,1 bilhões, totalizando US\$ 84,5 bilhões.

A *conta de serviços* teve *déficit* de US\$ 3,0 bilhões no mês, 31% acima do mesmo mês de 2016, decorrente de elevação de 60,7% superiores às registradas no mesmo mês do ano anterior. As *despesas líquidas de renda primária* aumentaram 6,3%, alcançando US\$ 6,6 bilhões frente a julho de 2016. As *despesas líquidas com juros* alcançaram US\$ 4,5 bilhões e as *remessas líquidas de lucros e dividendos* totalizaram R\$ 2,1 bilhões.

A *movimentação das reservas*, durante o mês de janeiro foi consequência, principalmente, de *linhas de recompra*, *remuneração das reservas* e *variações por preços e paridades*. A *dívida externa de curto prazo* teve redução de US\$ 1,8 bilhão chegando à US\$ 259,9 bilhões enquanto o *endividamento de curto prazo* chegou a US\$ 46,2 bilhões, com redução de US\$ 6,3 bilhões.

Consequência

O *déficit em transações correntes* é consequência do saldo negativo na *balança de serviços* puxado principalmente pelas *remessas líquidas de renda*. Porém o mesmo vem sofrendo redução na comparação com os mesmos períodos do ano anterior.

Política Fiscal

Nota à Imprensa (Julho/2017) - BACEN

Fato

Em julho, o *setor público não financeiro* registrou *déficit* de R\$ 16,1 bilhões, no acumulado em doze meses o *déficit* é de R\$ 170,5 bilhões (2,66% do PIB). O *resultado nominal* teve *déficit* de R\$ 44,6 bilhões no mês, acumulando negativos R\$ 598,7 bilhões (9,35% do PIB), em doze meses. A *dívida líquida do setor público* alcançou R\$ 3.206,1 bilhões (50,1% do PIB). A *dívida bruta do governo geral* atingiu R\$ 4.722,1 bilhões (73,8% do PIB). O *montante dos juros apropriados* atingiu R\$ 28,5 bilhões, no mês e R\$ 428,2 bilhões no acumulado em doze meses (6,69% do PIB).

Causa

Na composição do *déficit primário* no mês, o *Governo Centra* e os *governos regionais* registraram *déficit* de R\$ 14 bilhões e R\$ 2,7 bilhões, respectivamente. As *empresas estatais* apresentaram resultado positivo de R\$ 491 milhões. Com relação aos *juros apropriados* em julho, houve queda de R\$ 3,0 bilhões em relação ao total apropriado em junho, e o *déficit nominal* foi principalmente financiado por expansão de R\$ 70,2 bilhões na *dívida mobiliária*, contrabalanceada por R\$ 19,5 bilhões na *dívida bancária líquida*.

Com relação à *Dívida Líquida do Setor Público* como percentual do PIB, houve elevação de 1,4 p.p., na comparação com o mês anterior. No ano, esta relação teve crescimento de 3,9 p.p. Contribuíram para a elevação, os *juros nominais apropriados*, o *déficit primário*, a *valorização cambial* e o *reconhecimento de dívidas*. Os efeitos do *crescimento do PIB nominal* e o *ajuste da cesta de moedas da dívida externa líquida* compensaram parcialmente estes valores.

Conseqüência

Os indicadores fiscais permanecem apresentando resultados desfavoráveis em decorrência do *desaquecimento econômico* e das *medidas de Política Fiscal* anteriormente adotadas, caberá ao governo um esforço muito grande para fechar o resultado dentro da *meta fiscal*.